



FEMINISMO NEGRO, INTERSECCIONALIDADE E ESTUDOS CULTURAIS: UMA ANÁLISE DA REPRESENTATIVIDADE E RESISTÊNCIAS NA VIDA DE ELZA SOARES¹

Larissa Papa Nogueira Martins²

Fábio da Silva Sousa³

Resumo: Elza Soares foi uma das maiores artistas negras do Brasil. Sua trajetória ecoa nas transformações sociais, artísticas e políticas do Brasil de quase todo o Século XX e, especialmente ao fim de sua carreira, Elza foi um símbolo da luta e resistência das mulheres negras na sociedade brasileira. Com base nisso, o presente artigo tem como objetivo apresentar uma discussão sobre como o Feminismo Negro e a Interseccionalidade, com base nos Estudos Culturais, dialogaram com a trajetória de vida e resistência de Elza Soares. Utilizaremos o debate de diversas autoras e autores,

¹ O presente artigo é uma parte da dissertação "O Grito da 'Mulher do Fim do Mundo': feminismo descolonial, subjetividades e rebeldias na vida e obra de Elza Soares (1930-2022)", defendida em 2023 no Programa de Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campus de Aquidauana, PPGCult. Agradecemos aos encontros e debates de integrantes do grupo de pesquisa do CNPQ "Laboratório Interdisciplinar de Estudos Culturais (LindeCult)" e do projeto de pesquisa "Mídias, linguagens e interdisciplinaridade: mediações e Estudos Culturais", que foram importantes para o desenvolvimento da pesquisa e do presente artigo. O presente trabalho foi realizado com apoio da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul – UFMS/MEC – Brasil.

² Larissa Papa Nogueira Martins é formada em Psicologia, atua na área de Psicologia Social, Direitos Humanos e Assistência Social como servidora pública desde 2013. Concluiu, em 2021, o mestrado no Programa Interdisciplinar em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana (UFMS/PPGCult/CPAq).

³ Fábio da Silva Sousa tem formação acadêmica na área de História, é docente permanente do Programa Interdisciplinar em Estudos Culturais da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, campus de Aquidauana (UFMS/PPGCult/CPAq) e atua nas áreas de mediações culturais, em espaços de produções simbólicas e criações de resistências culturais; literatura, linguagens plurais e saberes decoloniais. Nas horas vagas, é poeta itinerante.

em uma relação interdisciplinar e, por fim, analisaremos a letra da canção "O Que se Cala", para trazer uma referência do potencial de crítica e da atualidade de Elza Soares na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Feminismo Negro; Interseccionalidade; Estudos Culturais; Interdisciplinaridade; Elza Soares.

BLACK FEMINISM, INTERSECTIONALITY AND CULTURAL STUDIES: AN ANALYSIS OF REPRESENTATIVENESS AND RESISTANCE IN THE LIFE OF ELZA SOARES

Abstract: *Elza Soares was one of the greatest black artists in Brazil. Her trajectory echoes the social, artistic, and political transformations in Brazil throughout almost the entire 20th century and, at the end of her career, Elza was a symbol of the struggle and resistance of black women in Brazilian society. Based on this, this article aims to present a discussion on how Black Feminism and Intersectionality, based on Cultural Studies, dialogue with Elza Soares' life trajectory and resistance. We will use the debate of different authors, in an interdisciplinary dialogue and, finally, we will analyze the lyrics of the song "O Que se Cala", to reference the potential for criticism and the current situation of Elza Soares in Brazilian society.*

Keywords: *Black feminism; Intersectionality; Cultural Studies; Interdisciplinarity; Elza Soares.*

FEMINISMO NEGRO, INTERSECCIONALIDAD Y ESTUDIOS CULTURALES: UN ANÁLISIS DE REPRESENTATIVIDAD Y RESISTENCIA EN LA VIDA DE ELZA SOARES

Resumen: *Elza Soares fue una de las más grandes artistas negras de Brasil. Su trayectoria se hace eco de las transformaciones sociales, artísticas y políticas de Brasil a lo largo de casi todo el siglo XX y, al final de su carrera, Elza fue un símbolo de la lucha y resistencia de las mujeres negras en la sociedad brasileña. A partir de esto, este artículo tiene como objetivo presentar una discusión sobre cómo el feminismo negro y la interseccionalidad, a partir de los estudios culturales, dialogaron con la trayectoria de vida y las resistencias de Elza Soares. Utilizaremos el debate de varios autores, en un diálogo interdisciplinario y, finalmente, analizaremos la letra de la canción "O Que se Cala", para referenciar el potencial crítico y la situación actual de Elza Soares en la sociedad brasileña.*

Palabras-claves: *Feminismo negro; Interseccionalidad; Estudios culturales; Interdisciplinarietà; Elza Soares.*

A gente é criada para ser assim, mas temos que mudar.
Precisamos ser criadas para a liberdade.
O mundo é grande demais para não sermos quem a gente é.
(Elza Soares)

1. Introdução

A área de Estudos Culturais, além de ser caracterizada como uma área interdisciplinar, tem como objetivo epistemológico compreender a Cultura, em sua pluralidade, como prática cotidiana, construída e desconstruída dialeticamente pela e na interação dinâmica dos diversos mecanismos que compõem a(s) sociedade(s) (Cevasco, 2003).

Diante da desigualdade de gênero presente em diversos momentos da história e que persiste até o tempo contemporâneo, a luta do movimento feminista, em sua pluralidade, já reivindicou demandas que permitiram que as mulheres conquistassem alguns espaços de cidadania e representatividade. Todavia, não devemos deixar de nos atentar ao fato de que esses direitos não são garantidos, ainda mais quando vivenciamos uma sociedade contemporânea brasileira e mundial, com grande representatividade conservadora e patriarcal. Ou seja, estar alerta deve ser uma prática constante⁴. Em outra esfera, ao observarmos as várias desigualdades existentes também no interior do movimento feminista, à exemplo das subjetividades entre as mulheres brancas e negras, refletimos que as conquistas não incidem de modo homogêneo na luta antissexista e contra o patriarcado. Essas fronteiras identitárias devem ser levadas em consideração na luta para uma emancipação ampla, na qual o gênero tornou-se uma ideia de resistência antissexista, antirracista e anticapitalista (Butler, 2024).

A escolha do tema do presente artigo é resultante dessas reflexões e as teorias referenciadas aqui corroboram, fundamentalmente, o início de um debate e da compreensão dessa dada realidade que confere menos privilégios às mulheres pretas, negras e pardas. É necessária a compreensão de que o sexismo incide de

⁴ Como exemplo, no momento de escrita deste artigo, em 10 de outubro de 2023, a Comissão de Previdência, Assistência Social, Infância, Adolescência e Família da Câmara dos Deputados, aprovou um Projeto de Lei (PL) contra o casamento e a união estável de pessoas do mesmo sexo, indo de encontro à decisão do Supremo Tribunal Federal (STF), em 2011, que garantia tal direito.

maneiras diferentes nas mulheres brancas em comparação com as mulheres pretas, negras e pardas, porque antes mesmo de tentar gritar por igualdade de gênero, elas ainda precisam lutar contra as amarras do racismo em sua pluralidade. Deve-se inserir nesse campo de luta, estruturas de poder que formam uma combinação cruel de opressões que massacram as pretas, negras e pardas, estereotipando-as, dificultando ou mesmo impedindo-as de ascender socialmente, evidenciando-as como mais expostas à riscos e vulnerabilidades sociais, a todo o tipo de violência e a fatalidades. Nesse caso, o conceito da Interseccionalidade apresenta-se como uma crítica forte e contundente que nos auxilia a articular pontos de confluências dessas identidades variadas (Akotirene, 2019).

Ao se debater sobre a questão da mulher negra, em especial na vivência e na produção cultural da cantora Elza Soares (1930-2022), com diálogos e trocas de saberes, abre-se a possibilidade de questionar aspectos culturais do Brasil. A partir de um olhar para a trajetória de sobrevivência e resistência da cantora no contexto capitalista, racista e patriarcal brasileiro, podemos fortalecer o compromisso social e político acadêmico, na construção de estratégias certas e mais eficientes de equidade. Podemos considerar Elza Soares uma representação legítima da mulher preta, negra e parda brasileira, a fim de verificar e analisar suas possíveis contribuições à luta antirracista e antissexista.

Elza Soares, mulher, negra, de origem muito pobre, conquistou sucesso e fama com a sua habilidade artística para a música e persistência ao apostar nessa sua capacidade. A cantora é um exemplo bem notável de que essas opressões tanto incidem em mulheres pretas, negras, pardas pobres e anônimas, inclusive com estatísticas bastante expressivas, quanto em mulheres que alcançaram alguma ascensão social, ou até mesmo o status de celebridade. Por mais que Elza tenha alcançado esse status, ela foi vítima de diversas opressões. Haja vista o relacionamento conturbado que ela manteve durante anos com o famoso jogador de futebol Mané Garrincha (1933-1983), marcado por inúmeros episódios de violência física e psicológica.

Referenciar-se nessa artista, em suas experiências e produções artísticas, para tal proposta de estudo e análise, prevê considerar a possibilidade de debatermos a potencialidade da representatividade da mulher preta, negra e parda

como contribuição para a reflexão e resistência popular contra o racismo, o sexismo e as desigualdades.

2. Feminismo negro, interseccionalidades e resistências

A luta pela igualdade de direitos entre homens e mulheres é gera uma tensão que atravessou séculos. O Feminismo, do latim *femina*, que significa mulher, consiste em um movimento de cunho filosófico, ideológico, social e político, protagonizado por mulheres que reivindicam a igualdade de gênero, para lhes garantir dignidade e respeito, além de permitir que elas tenham uma maior e efetiva participação na sociedade, extinguindo uma cultura de princípios e práticas sexistas – ou seja, a discriminação de gênero e imposições de estereótipos de gênero – e consequentemente, extinguindo também o patriarcado, principal modelo de organização social centrado em uma dominação masculina e, consequentemente na subjugação feminina.

Porém, se o Feminismo é um movimento social liderado por mulheres e para elas, ao se contextualizar tal movimento no cenário brasileiro, compreende-se que se trata de uma organização plural, composta por mulheres de diferentes identidades, culturas, de esferas sociais distintas. Essas especificidades precisam ser consideradas para se alcançar a representatividade para todas.

Entretanto, mesmo com o que já foi possível conquistar com o Feminismo e verificando que as mulheres pretas, negras e pardas constituem o maior grupo da população brasileira, ao observarmos e refletirmos quanto aos espaços que essas mulheres estão ocupando, constatamos que, na luta por igualdade e participação social, os benefícios chegam para uma minoria da negritude. Ainda que a desigualdade de gênero seja uma realidade para todas, é notável que mulheres brancas tem mais privilégios que mulheres negras.

Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 2019, mostram que 42,7% das pessoas no Brasil se declararam como brancas, 46,8% como pardas, 9,4% como pretas, e 1,1% como amarelas ou indígenas. A partir desses dados, considerando a soma de pretos e pardos, evidencia-se que a população preta e negra, maioria no território nacional, 56,2% da população

brasileira. A pesquisa revela que, desse número total de pessoas negras no país, 28% são mulheres pretas e pardas, aproximadamente 60 milhões de pessoas.⁵

Dito isto, se as conquistas na luta antissexistas não alcançam, homogeneamente, todas as mulheres, é preciso considerar que isso se deve às suas demandas serem distintas. Tal problemática tem origem na construção histórica do capitalismo e do conceito de raça que, nesse sistema preteriu homens e mulheres negras, destinando-os à subordinação de grupos que detêm o domínio do capital, geralmente homens brancos, dificultando o acesso à direitos e a mais oportunidades de ascensão social.

Inicialmente, as mulheres brancas, em sua maioria pertencentes a classes sociais mais privilegiadas da sociedade, estavam à frente do movimento que lutava contra as desigualdades de gênero. Nesse sentido, constituía-se um movimento marcado por demandas que afetavam a realidade de mulheres brancas de classe média e alta. As pautas feministas levantavam questões de gênero e sexualidade, mas não questões de raça, desconsiderando assim as condições reservadas às mulheres negras.

No contexto internacional, o movimento feminista negro teve a sua iminência entre o abolicionismo, que previa a libertação do povo negro da escravidão, e o sufragismo, que pretendia garantir o direito de voto às mulheres, mas não a todas as mulheres. Foram nessas circunstâncias que as mulheres negras começaram a se organizar para lutar pelo direito ao voto e contra o racismo. Essa questão foi localizada e debatida por Lélia Gonzalez em seu manifesto clássico, “Por um feminismo afro-latino-americano”:

É inegável que o feminismo, como teoria e prática, desempenhou um papel fundamental em nossas lutas e conquistas, na medida em que, ao apresentar novas questões, não apenas estimulou a formação de grupos e redes mas também desenvolveu a busca por uma nova maneira de ser mulher [...] Mas, apesar de suas contribuições fundamentais para a discussão da discriminação com base na orientação sexual, o mesmo não ocorreu diante de outro tipo de discriminação, tão grave quanto a sofrida pela mulher: a de caráter racial. (Gonzalez, 2020, p.140)

⁵ Informações organizadas pelo IBGE com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (2019), baseadas na autodeclaração dos brasileiros entrevistados, e divulgadas na página virtual IBGE Educa. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18319-cor-oraca.html#:~:text=De%20acordo%20com%20dados%20da,1%25%20como%20amarelos%20ou%20ind%C3%ADgenas>. Acesso em: 02 jan. 2025.

No Brasil, temos que considerar que a história de desenvolvimento do país se deu por meio da colonização e foi marcada por um sistema patriarcal e escravocrata. Enquanto as mulheres brancas já se articulavam nos movimentos feministas para a luta pelo direito à cidadania, as mulheres negras – que, assim como os homens negros, também foram escravizadas – eram consideradas propriedade privada e tiveram que se unir em uma luta por resistência diante de múltiplas opressões e crueldades, não só advindas do sexismo, mas também do racismo. Mulheres negras reivindicavam um direito básico: o de serem consideradas seres humanos!

A escravidão no Brasil durou cerca de 300 anos, e, após a abolição, as mulheres negras tiveram que lidar com as consequências estruturais desse longo período e continuaram servindo aos brancos para sobreviverem. Tornaram-se oficialmente livres, porém ainda prisioneiras do racismo e da miséria, estigmatizadas, objetificadas e marginalizadas, com mínima ou nenhuma oportunidade de ascensão social ou paridade em comparação às mulheres brancas. Diante dessa realidade, compreende-se que um movimento construído por um grupo social que, ainda que sofra desigualdades de gênero, já goza de outros privilégios dificilmente levantaria demandas distintas de sua realidade política, econômica e social, não abarcando assim as necessidades provenientes das condições nas quais as mulheres negras.

As mulheres negras compartilharam e compartilham experiências e situações que parecem ser uma especificidade de seu gênero e raça, desconhecidas pelos demais grupos. Em geral eram – e ainda são – a maioria a executar trabalhos mal remunerados, principalmente como trabalhadoras domésticas; tem menos acesso à educação e outros direitos básicos; são vítimas recorrentes de violência misógina e alvos frequentes de insultos, menosprezo e exclusão social.

Para além de sororidade – que tem origem do latim *soror*, que significa irmã e, portanto, sugere uma irmandade feminina –, trabalha-se aqui o conceito de dororidade. Elaborado por Vilma Piedade (2019), o conceito de dororidade refere-se à cumplicidade existente entre as mulheres negras. Segundo a autora, a sororidade não dá conta das vivências que envolvem a realidade da mulher negra, pois para as demais mulheres da sociedade, as dores causadas pela condição de se

ser mulher e negra em uma sociedade sexista e racista é invisibilizada. Existem dores que somente as mulheres negras vivem, sentem e entendem:

Quando eu argumentei que Dororidade carrega, - no seu significado [sic] -, a Dor provocada em todas as Mulheres pelo Machismo, destaquei que quando se trata de Nós, Mulheres Pretas, têm um agravo nessa Dor, agravo provocado pelo Racismo. Racismo que vem da criação Branca para manutenção de Poder... E o Machismo é Racista. Aí entra a Raça. E entra Gênero. Entra Classe. Sai a Sororidade e entra a Dororidade. (Piedade, 2019, p. 46)

Nessas relações desiguais justificadas pelo sexismo, racismo e organização capitalista, a mulher negra sempre esteve em desvantagem, mesmo nos espaços de luta social. As opressões sofridas em decorrência de seu gênero e raça, que fazem com que a maioria das mulheres negras pertençam à classe social mais pobre, dificultam o seu acesso a direitos básicos e oportunidades mais dignas de vida, além da observância de aspectos da subjetividade no que diz respeito ao sofrimento diante de situações de discriminações, assédios presentes nas relações cotidianas, e questões relacionadas à autoestima.

De acordo com Patrícia Hill Collins e Sirma Bilge (2021), mesmo uma sólida articulação com os movimentos mais próximos de sua pauta – como com os homens do movimento negro, as mulheres brancas do movimento feminista ou pessoas do movimento socialista que defendiam os direitos da classe trabalhadora – não seria potente o bastante para expressar e dar maior visibilidade a todas as suas preocupações. Para terem suas experiências, necessidades e especificidades acolhidas e consideradas em um plano político atento às suas demandas, foi fundamental que as mulheres negras assumissem o protagonismo de sua luta.

Nesse cenário evidencia-se a urgência de um recorte no movimento feminista, considerando que a mulher negra, além de lutar na causa antissexista, precisa ainda lidar com as condições que lhe são desenhadas nessa sociedade devido à cor de sua pele, ou seja, as discriminações raciais. Diante disso se desenvolve a Interseccionalidade, na qual se alicerça o feminismo negro. Collins e Bilge (2021) apresentam uma definição prática desse conceito frequentemente usado nos Estudos Culturais:

A interseccionalidade investiga como as relações interseccionais de poder influenciam as relações sociais em sociedades marcadas pela diversidade, bem como as

experiências individuais na vida cotidiana. Como ferramenta analítica, a interseccionalidade considera que as categorias de raça, classe, gênero, orientação sexual, nacionalidade, capacidade, etnia e faixa etária – entre outras – são inter-relacionadas e moldam-se mutuamente. A interseccionalidade é uma forma de entender e explicar a complexidade do mundo, das pessoas e das experiências humanas. (Collins e Bilge, 2021, p.15)

Desse modo, ao usar a interseccionalidade como recurso analítico, é possível uma melhor reflexão sobre o tema e o desenvolvimento de estratégias mais favoráveis à equidade. A interseccionalidade como ferramenta analítica transformou-se no principal recurso das mulheres negras em suas demandas.

Os estudos interseccionais permitem que o feminismo tenha uma maior visibilidade das opressões impostas às mulheres negras e de como se dão as dinâmicas de relações de poder que culminam nas desigualdades sociais. O conhecimento e análise da constituição dessas estruturas discriminatórias facilitam o desenvolvimento de estratégias para combatê-las e atingir mais igualdade.

Considerando que os Estudos Culturais permitem uma maior articulação entre teoria e prática quando aliam à produção científica de pesquisas acadêmicas a partir de experiências culturais cotidianas, saberes populares e vivências das multiplicidades culturais, trabalha-se aqui não somente com a musicalidade de Elza Soares, mas com toda a sua representatividade. Afinal, o que uma mulher negra, nascida em uma favela do Rio de Janeiro – que sobreviveu à fome, à violência doméstica, a uma tentativa de feminicídio, que resistiu à ditadura militar brasileira, ao exílio, ao racismo, ao sexismo, que enfrentou grandes e dolorosas perdas, que pisou em palcos de diferentes lugares do mundo, que foi premiada internacionalmente e viveu por mais de nove décadas cantando até o fim – tem a nos dizer?

3. Elza Soares: o canto da resistência negra

Frantz Fanon (2008) elaborou uma análise potente e atual de que a subjetividade da pessoa negra é incisivamente moldada em suas relações com a pessoa branca, pois é nesse contato que ela vislumbra o seu ser negro que, frequentemente, é inferiorizado pelas estruturas plurais do racismo. Seria como se a sua subjetividade e a sua consciência de si estivessem condicionadas às referências da pessoa branca, e às suas possíveis validações caso considere a

pessoa negra como uma semelhante, à sua altura. Ainda de acordo com Fanon, essa inferioridade discursiva e fabricada é intrínseca ao processo colonizador:

Todo povo colonizado – isto é, todo povo no seio do qual nasceu um complexo de inferioridade devido ao sepultamento de sua originalidade cultural – toma posição diante da linguagem da nação civilizadora, isto é, da cultura metropolitana. Quanto mais assimilar os valores culturais da metrópole, mais o colonizado escapará de sua selva. Quanto mais ele rejeitar sua negritão, seu mato, mais branco será. (Fanon, 2008, p. 34)

No trecho acima fica evidente que a pessoa negra – para evitar todo o desconforto que envolve o seu ser social como consequências do tom de sua pele atacada pelo racismo – tende, de forma consciente e/ou inconsciente, a se adaptar e a aderir às possibilidades de se assemelhar ao ser branco, visando desvencilhar-se de estereótipos e receber aceitação, validação e algum privilégio possível. Como exemplo, o *rapper* Djonga inspirou-se em Fanon na produção da música e do videoclipe da canção “Hat Trick”, no qual apresenta um homem negro que deixa a periferia de lado e se vê como um executivo branco (Ferreira, 2021, p.112). Em diálogo com Fanon, temos as análises de Neusa Souza:

A descoberta de ser negra é mais do que a constatação do óbvio. [...] Saber-se negra é viver a experiência de ter sido massacrada em sua identidade, confundida em suas perspectivas, submetida a exigências, compelida a expectativas alienadas. Mas é também, e sobretudo, a experiência de comprometer-se a resgatar a sua história e recriar-se em suas potencialidades. (Souza, 2021, p.18)

No caso de Elza Soares, Neusa Santos Souza (2021) nos inspira ao uso do conceito de história de vida. Esse é um recurso metodológico qualitativo tradicionalmente usado nas ciências sociais – na antropologia, sociologia, psiquiatria e psicanálise. Com esse recurso, ao usar biografias e autobiografias, se torna possível um estudo aprofundado dos indivíduos em questão. Dessa forma, quem pesquisa tem a possibilidade de colher o material relatado pela própria pessoa e a partir dele realizar um estudo analítico visando responder as questões traçadas pela pesquisa.

Na biografia de Elza Soares, evidencia-se a constituição dessa subjetividade inferiorizada da mulher negra, marcada na relação com pessoas brancas que tem poder e controle. Diversas situações ilustram essas pessoas dizendo, ao classificar

ela como negra, o que deve ou não fazer, se deve ou não ocupar determinados espaços. Nesta discussão, Maria Luísa Magalhães Nogueira, Vanessa Andrade de Barros, Adriana Dias Gomide Araujo e Denise Aparecida Oliveira Pimenta defendem o uso das biografias nas histórias de vida. De acordo com as pesquisadoras:

O discurso biográfico, nessa perspectiva, carrega uma riqueza ímpar e de complexo tratamento analítico, na medida em que mora no plano do que não é verificável, transcendendo a esfera da ciência tradicional. Ele é tramado na relação com o interlocutor e traz os elementos da história coletiva, como já se sabe, mas está ainda em conexão com elementos da ordem dos jogos de poder e da linguagem, do imaginário, da subjetividade. (Nogueira; Barros; Araujo; Pimenta, 2017, p. 470)

Com o exposto acima, e com todo o cuidado crítico, a biografia de Elza é um caminho interessante para a discussão desse artigo. Zeca Camargo (2018)⁶ relatou que Elza Soares, no início de sua carreira, quando ainda cantava em pequenos bares e eventos, em algumas ocasiões foi impedida de se apresentar porque contratantes não aceitavam que uma mulher negra estivesse à frente de uma banda. Houve também situações nas quais não a consideravam para cantar e sim para dançar e exhibir suas pernas em shows. E houve ainda um caso do dono de uma gravadora que, mesmo reconhecendo seu talento artístico, negou a gravação de um disco justificando com a cor de sua pele. Mais grave ainda foi quando seu primeiro esposo, branco, de olhos azuis, de descendência italiana, disparou uma arma de fogo contra ela, por ser contrário ao seu sonho de cantar. Essas passagens expõem o branco definindo e destruindo o lugar da pessoa negra, nesses casos da mulher negra, pautados em estereótipos e estigmas racistas e sexistas, subestimando o desejo e o talento da artista.

A carreira de cantora da Elza começou no final da década de 1950, quando ela enfrentou os entraves impostos pelo racismo. Apesar de cada recusa que Elza

⁶ Cabe a apresentar uma consideração acerca da biografia escrita pelo jornalista Zeca Camargo, "Elza" (2018). Estamos cientes de que essa obra é controversa, seja pelo seu apelo comercial ou pela sua autoria. Contudo, no que pese tais críticas, essa biografia ensaia, em diversos momentos, uma crítica ao racismo enfrentando por Elza em toda a sua trajetória de vida. Também se levou em consideração que esse trabalho apresenta uma cronologia mais atualizada, além de contar com a participação da própria Elza em sua elaboração, o que é bastante significativo. Não iremos apresentar um debate sobre os entraves e os desafios biográficos, como proposto por Pierre Bourdieu em "A ilusão biográfica" (1996), pois o nosso principal objetivo não é questionar a veracidade dos fatos apresentados, e sim, analisar as representações do passado construído por Elza Soares e como a cantora teve o cuidado de realizar uma escolha de momentos da sua trajetória, com o objetivo de guiar um olhar da sua saga para gerações futuras.

recebeu por ser uma mulher preta, sendo vítima de racismo, ela continuou na luta pelo seu lugar de cantora e artista. Sua resiliência e persistência em continuar no caminho da música, também podem ser interpretadas como uma forma de lutar contra o racismo da década de 1950, e apresentaram outros contornos discursivos, mais evidenciados e diretos, em suas canções no fim de sua carreira. Elza, a artista, além de conquistar o sonho de viver de sua música, ofereceu uma vida mais confortável à sua família ao confiar em seu talento. Por isso, a cantora não se resignou a ocupar os lugares a ela concedidos pelos brancos com poder. Elza resistiu a exercer a profissão que escolheu para si, com toda a sua negritude, no centro do palco (Camargo, 2018).

Torna-se possível estabelecer uma relação entre essa postura de resistência de Elza Soares com o que Fanon (2008) afirma em seus estudos e análises, que tem como objetivo combater a alienação imposta para a pessoa negra: “O que nós queremos é ajudar o negro a se libertar do arsenal de complexos germinados no seio da situação colonial” (Fanon, 2008, p. 44).

As estratégias de libertação propostas por Fanon, apresentam diversos caminhos quando postas em prática. Como já exposto anteriormente, no caso de Elza, se torna essencial, sempre que possível, trazer a referência de que o seu corpo no palco, somado à potência da sua voz e performance, eram formas de resistência. Uma passagem icônica e que vai ao encontro dessa afirmação, foi quando Elza, ao se apresentar no programa “Calouros em Desfile” foi questionada sarcasticamente por Ary Barroso duas vezes. Na primeira, Barroso perguntou sobre quem ela cantava e depois de qual planeta ela teria vindo. Sem titubear, Elza respondeu que cantava sobre ela mesma e que o planeta do qual ela tinha vindo era o mesmo dele, ou seja, “O planeta fome!”. A potência dessas duas respostas destaca o espírito de luta e de rebeldia que sempre esteve presente em Elza.

O comportamento de resistência perpassa – ou ainda, articula-se com – o empoderamento. O termo empoderar significa dar poder a algo ou alguém. Nesse sentido, questiona-se quanto ao empoderamento da pessoa negra, sobretudo, da mulher negra: quem ou o que dá poder à mulher negra? Maíra Paiva Santos, ao dialogar com Joice Berth, afirmou:

Joice Berth ressalta que o reconhecimento da concessão de poder a grupos minoritários está relacionado à articulação, ao autoconhecimento, e à autovalorização que passam a ter. Isso se dá através dos níveis de conhecimento histórico, político e social diretamente relacionados à aceitação e ao enaltecimento da cultura, da estética e da percepção sobre a sociedade em que estão inseridos. Tudo isso, segundo a autora, leva os indivíduos pertencentes a esses grupos a se posicionarem criticamente, munidos de informações sobre si mesmos e conscientes de suas habilidades próprias para, a partir disso, criarem ferramentas ou poderes de atuação nos espaços em que estão inseridos. (Santos, 2020, p. 2)

Para empoderar-se e resistir é necessário revisitar a história, apropriar-se de conhecimento, compreender as lógicas de apagamento e inferiorização cultural, resgatar e conhecer suas raízes, orgulhar-se delas e disseminá-las como estratégias de questionamento e enfrentamento que possam conduzir a uma transformação social.

Elza foi uma cantora e compositora com inúmeros álbuns gravados, shows memoráveis e participações marcantes. Musa da Copa do Mundo e premiada internacionalmente, ela é um símbolo da representatividade da mulher negra brasileira porque sua história reflete a realidade da maioria da população brasileira, composta, em grande parte, por mulheres negras.

Como já indicado por Camargo (2018), a cantora nasceu em uma favela carioca e desde muito cedo viveu na escassez de recursos. Foi vítima de uma tentativa de abuso e violência doméstica, viveu um casamento precoce, passou por uma gestação na adolescência e escapou de uma tentativa de feminicídio. O preconceito racial e de gênero permeou toda a sua vida, não foi uma realidade restrita ao seu tempo de anonimato. Seu lugar nunca foi garantido e Elza teve que lutar para conquistá-los todos os dias, o que a torna, também, um símbolo de resistência e influência.

Em 2018, Elza lançou seu 33º álbum. “Deus é Mulher” (2018) dá prosseguimento a essa fase da carreira da cantora, marcada por maior engajamento político e social, com músicas que abordam reflexões sobre classes marginalizadas da sociedade. Quanto às especificidades da produção artística de Elza, para esse artigo, será analisada a letra de uma das canções do álbum. As músicas desse disco apresentam maior apelo político e social, e é notável o amadurecimento pessoal e profissional da cantora. Elza não cantava apenas para entreter, mas para informar,

alertar e denunciar. Usava sua arte como reflexão e comunicação das questões sociais de seu tempo:

O foco de todas elas era uma mensagem maior que Elza queria passar – e que tinha a ver com conciliação. Uma vida inteira vivendo tantas disputas, testemunhando tantas diferenças...agora ela estava a fim de juntar as coisas, de ser essa pessoa capaz de unir todos. Com sua música. Uma espécie de Deus – mulher. (CAMARGO, 2018, p.369).

A cantora ainda refletiu sobre sua responsabilidade enquanto pessoa midiática, que contribui para a formação de opinião: “As mensagens estão todas ali, a começar pelos versos de Deus é Mulher. Se, a essa altura da minha vida, eu, como artista, não puder dar o meu recado, não faz sentido eu estar aqui [...]” (Camargo, 2018, p. 370).

“O Que Se Cala” (2018), de Douglas Germano, é uma das músicas do álbum. Álbum esse que tem um título provocativo, que contraria o que está imposto pela cultura patriarcal e cristã: “Deus É Mulher” (2018). Aos 87 anos, Elza explicou em entrevista concedida ao site da “Revista Cifras” (2018) que, com esse trabalho, sua intenção era evidenciar o poder feminino, suas crenças e sua liberdade sexual.⁷ Apesar do artigo se fixar na análise da letra e a autoria da canção ser de Douglas Germano, defendemos que ela constituiu a sua identidade musical e sua representatividade na voz e na performance de Elza Soares. Ou seja, a canção é um artefato cultural coletivo.

Quanto à faixa “O Que Se Cala”, pelo título já é possível vislumbrar a mensagem que se pretende transmitir. Segue a letra:

Mil nações moldaram minha cara
Minha voz uso pra dizer o que se cala
O meu país é meu lugar de fala
Mil nações moldaram minha cara
Minha voz uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala
O meu país é meu lugar de fala
Mil nações moldaram minha cara
Minha voz uso pra dizer o que se cala
Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala
O meu país é meu lugar de fala

⁷ Disponível em: < https://revista.cifras.com.br/noticia/elza-soares-lanca-deus-e-mulher-sucessor-de-album-premiado_13856>. Acesso em: 04 de jul. de 2024. O conteúdo da entrevista foi acessado em 04 de julho de 2024, mas não se encontra mais disponível nas redes.

Pra que separar?
 Pra que desunir?
 Pra que só gritar?
 Por que nunca ouvir?
 Pra que enganar?
 Pra que reprimir?
 Por que humilhar e tanto mentir?
 Pra que negar que ódio é o que te abala?
 O meu país é meu lugar de fala
 O meu país
 Mil nações moldaram minha cara
 Minha voz uso pra dizer o que se cala
 Ser feliz no vão, no triz, é força que me embala
 O meu país é meu lugar de fala
 Pra que explorar?
 Pra que destruir?
 Por que obrigar?
 Por que coagir?
 Pra que abusar?
 Pra que iludir?
 E violentar, pra nos oprimir?
 Pra que sujar o chão da própria sala?
 Nosso país, nosso lugar de fala
 O meu país é meu lugar de fala
 Nosso país, nosso lugar de fala
 Nosso país, nosso lugar de fala
 (Soares, 2018)

À época do lançamento do álbum e dessa música, Elza, em algumas entrevistas para a mídia e em uma declaração em suas redes sociais, afirmou que o trabalho é dedicado à liberdade de expressão e luta contra a opressão. Que o disco seria um grito de liberdade. Também se destaca o contexto no qual a canção foi lançada, no ano de 2018, quando a corrida eleitoral brasileira pôs lado a lado dois projetos de nação, um deles atrelado ao conservadorismo e à extrema direita. O “nosso” e o “meu” lugar de fala da letra remetem à população preta que ainda enfrenta as estruturas racistas da sociedade brasileira. Djamila Ribeiro (2017) e Grada Kilomba (2019) definem a ideia de “lugar de fala” como um conceito ativo e potente, partir do qual grupos e indivíduos marginalizados têm o direito de se expressar em uma contranarrativa à hegemonia colonial do *status quo*. Esses lugares de fala e, principalmente, de escuta são essenciais na defesa de uma sociedade plural, multifacetada e de identidades variadas. Em suma, Elza não se calou e defendeu o lugar de fala de grupos, indivíduos e coletividades que ficaram à margem do projeto de governo que se tornou vitorioso no pleito brasileiro de 2018. No mesmo ano, para a Revista Cifras (2018), Elza disse:

Olha nossa juventude chegando aí, querendo gritar, querendo falar. Olha nossas mulheres lutando, brigando, querendo seu lugar de apoio, de fala, de liberdade. É como eu peço naquela música: 'me deixe, cantar até o fim'. Eu não quero ficar muda, entendeu? E não gostaria que eu perdesse a minha voz, a minha fala, nem a de ninguém. (Revista Cifras, 2018)

Com essa declaração, a artista definiu a sua intenção de romper com qualquer tipo de silenciamento, estimular a liberdade para se expressar, denunciar o preconceito, falar de qualquer pessoa que se sinta oprimida, cerceada ou censurada, especialmente, por ser quem se é. A letra e o clipe de divulgação da música, em que homens e mulheres negros performam em um cenário afro futurista, permitem uma interpretação que evidencia o protagonismo da pessoa negra.

Quando a cantora diz “Mil nações moldaram minha cara”, faz uma referência clara ao período colonial e pós-colonial, com todo o drama e tragédia do tráfico negreiro. Nesse contexto, mil nações moldaram a cara brasileira como consequência da violência sexual, legitimada à época, perpetrada pelos europeus contra mulheres negras.

Mesmo com todo o esforço para que projeto de branqueamento da população fosse bem-sucedido no Brasil, a maior parcela da população brasileira é composta por pretos e pardos, sendo as mulheres negras o grupo mais numeroso. Por isso, a afirmação musical “O meu país é meu lugar de fala”, remete a um senso de pertencimento – dos pretos e pardos, da população negra e especialmente das mulheres negras – que autoriza o falar e se expressar. Isso acontece porque esse é o lugar dessas pessoas, o seu território, onde estão as suas marcas, as suas histórias, as suas ancestralidades, onde suas vidas são compostas e atravessadas pelo conceito de interseccionalidade. Com esse trecho, assim como ao final da letra com “Nosso país, nosso lugar de fala”, a canção e sua intérprete, parecem sugerir um empoderamento do ouvinte, ao dizer veladamente: pode falar, aqui você pode falar. Aqui você deve falar, porque esse chão é seu!

O trecho “Minha voz uso pra dizer o que se cala” reafirma as declarações de Elza: fortalece a liberdade de expressão, especialmente, daqueles que sofrem discriminações. É possível também observar aqui a consciência da cantora da função de sua representatividade. Ela não só estimula ouvintes a falarem tudo o que têm silenciado, mas ressalta que sabe que sua voz, que seu status de cantora, a permite

ter maior abrangência. Circular em locais de grande público e privilégios também gera nela o dever de informar, falar e reivindicar. É como se a cantora pudesse ser a porta-voz de minorias em uma relação dialética: ao tempo que estimula e empodera, também pode denunciar realidades marginalizadas.

Essa possível essência de porta-voz e representatividade pode ser percebida no videoclipe da música, no qual Elza aparece cantando conduzindo um microfone com design de um guidão de moto. Essa interpretação também é mencionada na biografia da cantora:

Elza se lembra da escrava Anastácia, uma figura quase mitológica para ela, que sempre é representada com uma mordaca. 'Deixaram ela muda quando adulta, mas ela também foi uma criança, como eu. Hoje, eu vejo as crianças com um pouco mais de voz, com todo sacrifício, mas com um pouco mais de liberdade de lar e resgatar o sofrimento de quem é negro. Sou eu falando de mim também, da Elza com a lata d'água na cabeça, da fome que eu passei. Se eu puder ter vindo para libertar a voz dessas crianças, se eu puder representá-las – inclusive a Anastácia -, já fico feliz. Ela não pôde, mas eu posso gritar – ainda. Ainda me deixam gritar, até quando, não sei. Mas, por favor, Zeca, bota meu grito pra fora! (Camargo, 2018, p. 372)

No decorrer da música, a intérprete questiona várias ações de impacto negativo que sugerem hostilidade, agressividade, cerceamento e segregação, como: separar, gritar, humilhar, mentir, enganar, explorar, destruir, obrigar, coagir, abusar, violentar, iludir e oprimir. Essas são palavras que frequentemente estão relacionadas a práticas racistas, sexistas e homofóbicas, por exemplo. A menção a “Pra que sujar o chão da própria sala” refere-se à violência doméstica, crime no qual a maioria das vítimas são mulheres negras.

Todas essas referências poderiam se resumir no incentivo à liberdade de expressão e à resistência que luta por respeito. E quanto à palavra respeito, em sua biografia, a cantora disse:

E, por falar em respeito: 'Você vai atrás dele, o tempo todo. Trabalhando, sendo honesta. Você procura andar num caminho reto, abrindo passagem para os outros virem atrás. Meu caminho mesmo, muitas vezes era fechado. Tinha sempre uma porta me trancando. Mas eu ia em frente – e queria que todo mundo fosse assim. Se pudesse, hoje eu seria mil Elzas, abrindo mil caminhos para quem vier depois de mim não passar pelo que passei. Respeito pra mim é dignidade! E eu quero isso pra todo mundo.' Uma dignidade que segundo Elza, tem que ser conquistada e reconquistada a toda hora. 'Não tá nada resolvido. Racismo? A gente enfrenta todo dia. Tem que gritar mesmo. (Camargo, 2018, p.371)

Em artigo publicado no site Portal Geledés⁸, Djamila Ribeiro contou que foi a responsável por avaliar esse disco de Elza, a pedido da própria cantora: “[...] não consigo descrever a honra quando me convidou para avaliar em primeira mão seu álbum ‘Deus é mulher’, uma obra de arte dentro do seu museu de preciosidades para a cultura brasileira e resistência do povo negro” (Ribeiro, 2020).

Sueli Carneiro (2005) em sua tese de doutorado, posteriormente publicada em formato de livro, apresenta contribuições sobre a importância do comportamento de resistência da negritude. Considerando a perspectiva foucaultiana abordada em suas pesquisas, em todas as relações e imposições de poder, há, em oposição a resistência. Ela listou alguns passos de resistência para o enfrentamento da negritude à dinâmica de subordinação e eliminação impostas pela racialidade na lógica do biopoder:

[...] o manter-se vivo como o primeiro ato de resistência. Portanto, ao manter-se vivo, seguem-se os desafios de manutenção da saúde física, de preservação da capacidade cognitiva, e por fim o de compreender e desenvolver a crítica aos processos de exclusão racial e, finalmente, encontrar e apontar os caminhos da emancipação individual e coletivos. Poucos são capazes de completar a totalidade desse percurso ou de percorrer essa difícil trajetória: de sobreviver fisicamente, libertar a razão sequestrada, e estabelecer a ruptura com a condição de refém dos discursos da dominação racial. (Carneiro, 2005, p. 150)

A autora ressalta como os atos de resistência se apresentam como exercícios libertadores e educadores por permitirem a constituição de subjetividades mais livres e autônomas, que podem se recusar às dinâmicas de subjugação da racialidade no funcionamento do biopoder.

E é preciso que essa prática seja multiplicada para uma emancipação coletiva, é um cuidado do outro também. Por isso a fundamental relevância das funções da arte e da representatividade como meios de impacto para a reflexão, resistência e transformação social.

⁸ Geledés Instituto da Mulher Negra é uma Organização da Sociedade Civil que se posiciona em defesa das mulheres e negros. O instituto tem um site para publicações de artigos, o Portal Geledés. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/> Acesso em 02 de jan. 2025.

4. Considerações finais

A escolha do tema em discussão, desvenda um panorama muito rico, não o esgota. O embate contra as desigualdades resultantes de práticas racistas e sexistas, que têm uma estrutura enraizada e reproduz, consciente e/ou inconscientemente discursos de poder, tem de ser uma prática cultural, política, social e constante. Temos que estar sempre em alerta!

No entanto, é notório que, enquanto essas práticas de segregação existem, sempre houve a construção de movimentos que questionam esses discursos e essas culturas dominantes, buscando a construção de uma sociedade justa e horizontal. Um exemplo disso são os direitos conquistados pelas mulheres, sobretudo pelas mulheres negras, ao longo desses séculos. Apesar disso, as condições de acesso às oportunidades de ascensão social e à simples liberdade de fazer escolhas ainda estão muito aquém do que se deseja. Sendo maioria da população, enquanto as mulheres negras continuarem sendo minorias circulando nas Universidades, seja como discente ou docente, ocupando cargos de lideranças em grandes empresas e, na participação política. Enquanto receberem os salários mais baixos, ou forem as maiores vítimas de violências, será urgente discutir essa pauta, usando os recursos sociais disponíveis.

A academia é uma delas, a arte é uma delas, a música é uma delas, a voz é uma delas, a imagem é uma delas, a linguagem é uma delas, dentre tantas outras possibilidades. O presente estudo nos fomenta enquanto seres políticos, atuantes e transformadores da realidade que temos e da que podemos fazer. Quando nos apropriamos do conhecimento, nos sensibilizamos a ressignificar as representações da negritude, orgulhando-se dela e, como Elza, nos comprometendo a resistir e influenciar pessoas a resistirem.

Em 20 de janeiro de 2022, com 91 anos, Elza Soares faleceu. O seu corpo já pedindo para repousar, a sua voz rouca e o seu olhar compenetrado, vislumbraram uma existência de luta e de resistência, de uma mulher que enfrentou o racismo, o sexismo e todo o preconceito da sociedade brasileira. “O Que Se Cala” é apenas uma das manifestações, a ponta de um iceberg da potência da produção musical de Elza Soares.

Em 23 de junho de 2023 foi lançado o último álbum de Elza, “No Tempo da Intolerância”. Essa obra póstuma pode ser considerada o trabalho musical mais político e de resistência de Elza, alinhando-se a uma produção musical contra hegemônica, antirracista, feminista e, interseccional. Com faixas que abordam discussões atuais, Elza cantou sobre o combate à intolerância, sobre a resistência das mulheres pretas e sobre a sua própria trajetória de vida, que está presente na canção “Rainha Africana”. Cabe destacar que essa música foi composta por Rita Lee (letra) e Roberto de Carvalho (melodia) e podemos afirmar que foi um presente de ambos para Elza Soares.⁹ A letra dela é praticamente uma despedida de Elza Soares, com resistência e luta, palavras que sempre estiveram presentes em sua vida:

Cara
Olha bem pra minha cara
Veja em mim uma mulher
Que passou por muita dor
Mesmo assim aqui estou
Soltando a minha voz
Minha raça, minha cor

Sendo uma guerreira
Que passou a vida inteira
Vista como nega maluca
Uma preta lelé da cuca

Eis-me aqui minha rainha africana
Brazuca sul-americana
Poderosa no meu trono

Eu não tenho dono
Eu não tenho dono
Eu não tenho dono
Eu não tenho dono
(Soares, 2023).

Axé, Elza Soares.

⁹ https://veja.abril.com.br/coluna/o-som-e-a-furia/conheca-a-ultima-musica-de-rita-lee-gravada-por-elza-soares#google_vignette. Acesso em 17 de jan. de 2025.

Referências

- AKOTIRENE, Carla. *Interseccionalidade*. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: FERREIRA, Marieta (org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1996, p.183-191.
- BUTLER, Judith. *Quem tem medo do gênero*. São Paulo: Boitempo, 2024.
- CAMARGO, Zeca. *Elza*. Rio de Janeiro: LeYa, 2018.
- CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não-ser como fundamento do ser*. Tese (Doutorado em Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.
- CEVASCO, Maria Elisa. *Dez Lições sobre os Estudos Culturais*. São Paulo: Boitempo editorial, 2003.
- CISNE, M.; IANAEL, F. Vozes de Resistência no Brasil Colonial: o protagonismo de mulheres negras. *Revista Katálysis*, Florianópolis, v.25, n. 2, p. 191-201, maio-ago. 2022.
- COLLINS, Patricia Hill e BILGE, Sirma. *Interseccionalidade*. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2021.
- FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.
- FERREIRA, Rogério Leão. *“Riscando fósforo” – Decolonialidade e Hip Hop na produção artística de Djonga*. Dissertação (Mestrado em Estudos Culturais) Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Aquidauana/MS, 2021.
- GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.
- KILOMBA, Grada. *Memórias da plantação. Episódios de racismo cotidiano*. Tradução Jess Oliveira. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019
- NOGUEIRA, Luísa Magalhães; BARROS, Vanessa Andrade de; ARAUJO, Adriana Dias Gomide & PIMENTA, Denise Aparecida Oliveira Pimenta. O método de história de vida: a exigência de um encontro em tempos de aceleração. *Revista Pesquisas e Práticas Psicossociais*, v.12, n. 2, 2017, p. 466–485.
- PIEDEDE, Vilma. *Dororidade*. São Paulo: Editora Nós, 2019.
- REVISTA CIFRAS. Elza Soares protesta pela livre expressão no clipe de O Que Se Cala. 22 de out. 2018. Disponível em: <<https://revista.cifras.com.br/noticia/elza-soares-protesta-pela-livre-expressao-no-clipe-de-o-que-se-cala-assista>> Acesso em 05 de Jul. 2024.
- RIBEIRO, Djamila. *O que é: lugar de fala?* Belo Horizonte: Letramento, 2017.
- SANTOS, Máira Paiva. Para entender o empoderamento. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 28, n. 1, 2020.
- SOARES, Elza. O Que Se Cala. In: SOARES, Elza. *Deus é Mulher*. Rio de Janeiro: DeckDisc, 2018. 1 CD (43 min.), faixa 1 (3:50 min).

SOARES, Elza. Rainha Africana. In: SOARES, Elza. *No Tempo da Intolerância*. [Vinil]. Porto Alegre: Noize Record Club, 2023.

SOUZA, Neuza Santos. *Tornar-se negro*. 1. Ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.